

www.sbc2021.wix.com/ppro

Protagonistas da Participação em São Bernardo do Campo

Revista do projeto / 2014 - número 03

HISTÓRIAS SELECIONADAS



Índice

•	Apresentação	02
♦	A vida como obra de arte	03
♦	Jucelino Batista de Lima	08
•	Pedro da Costa Pinheiro	08
•	Joanice Alves de Oliveira	10
•	Antonio Amaral Santos	12
♦	Luis Carlos Toscano	14
•	Roberto da Silva	18
•	Flavia Dias Moura	18
♦	Marlene Bergamini Vendramini	20

A vida como obra de arte

"Resulta-me curioso que na nossa sociedade a arte tenha ficado restrita aos objetos e não aos indivíduos ou à vida. Que a arte seja uma especialidade feita somente por artistas é no mínimo injusto. Por que não poderia cada um fazer da sua vida uma obra de arte?"

Michael Foucault

Apresentação

O projeto Protagonistas da Participação é uma iniciativa da prefeitura de São Bernardo do Campo que busca identificar na cidade as variações no significado da palavra "participação". Consideramos que há uma ampla diversidade de entendimentos e usos que retratam as diferentes percepções que, sobre o tema, são diariamente construídas na nossa cidade.

É justamente aprofundando nosso olhar no cotidiano das pessoas que descobrimos, entre as tantas histórias de superação e comprometimento, algumas que gostaríamos de compartilhar no espaço desta revista.

São um pequeno exemplo do universo de relatos e acontecimentos que fomos descobrindo ao longo desta etapa do projeto. É, sem dúvida, uma parcela menor de um campo ainda

pouco explorado na nossa sociedade. É uma iniciativa que busca resgatar o valor incomensurável da vida. Da vida entendida como obra de arte.

Esperamos poder ir aumentando o número de histórias descritas neste espaço virtual de maneira que possamos construir coletivamente uma nova maneira de aceder a esse mundo complexo e desafiador que é a vida em sociedade.

Esperamos poder aprender do saber da nossa gente ouvindo e relatando as diversas experiências dos protagonistas da história da nossa cidade.

Esperamos poder retirar os véus que cobrem a tantos heróis anônimos e visibilizar os diversos ensinamentos que surgem a cada dia nas ruas e bairros por onde andamos. São exemplos valiosos de solidariedade, participação e amor pela cidade.

Obrigado a você leitor e leitora, e obrigado à cidade de São Bernardo do Campo pelas histórias reveladas e por tantas outras ainda por descobrir.



Jucelino Batista de Lima Região Ferrazópolis Às vezes a gente se perde e não sabe. Em algum momento a nossa vida faz a curva e perdemos o caminho. Por isso devemos estar atentos e observar. Pode acontecer conosco, pode acontecer com um amigo ou com um estranho na rua. Quem ajuda quem? Às vezes a gente ajuda outras pessoas e não percebe que são elas quem realmente estão nos ajudando. São milhares de histórias pela cidade. Acontece o tempo todo. Aconteceu comigo.

Nasci no interior de Pernambuco. Cresci curioso na época errada e no lugar errado, Nasci rebelde querendo conhecer a vida. Queria liberdade e experiências. Vivi intensamente. Estudei pouco. Entristeci pessoas. Errei muito. Errei tanto que as lágrimas não conseguiam apaziguar meu coração. Errava, mas observava. E foi observando que um dia, morando aqui em São Bernardo, conheci um rapaz que como outros estava perdido na rua. Ele estava com fome e falou comigo guerendo dinheiro. Não dei dinheiro, dei muito mais. Dei atenção. Dei comida. Dei cobertas. Entreguei a ele as minhas roupas para vestir. Tiramos todos os documentos pela primeira vez. Ouvi sua história. Me importei. Era ele que trazia paz ao meu coração. Era ele a minha redenção depois de uma vida de caminhos extraviados. Era aquele jovem rapaz, na sua ignorância, o meu libertador. Aquele anjo perdido voltou para sua casa. Meses depois começou a trabalhar. Depois a namorar. Aqui na minha mesinha ainda conservo o convite de casamento que ele me mandou. É meu tesouro. Eu fiz a diferença na vida dele e ele, sem saber, fez a mais poderosa transformação na minha. Quem ajuda quem? Só Deus sabe.



Região Taboão

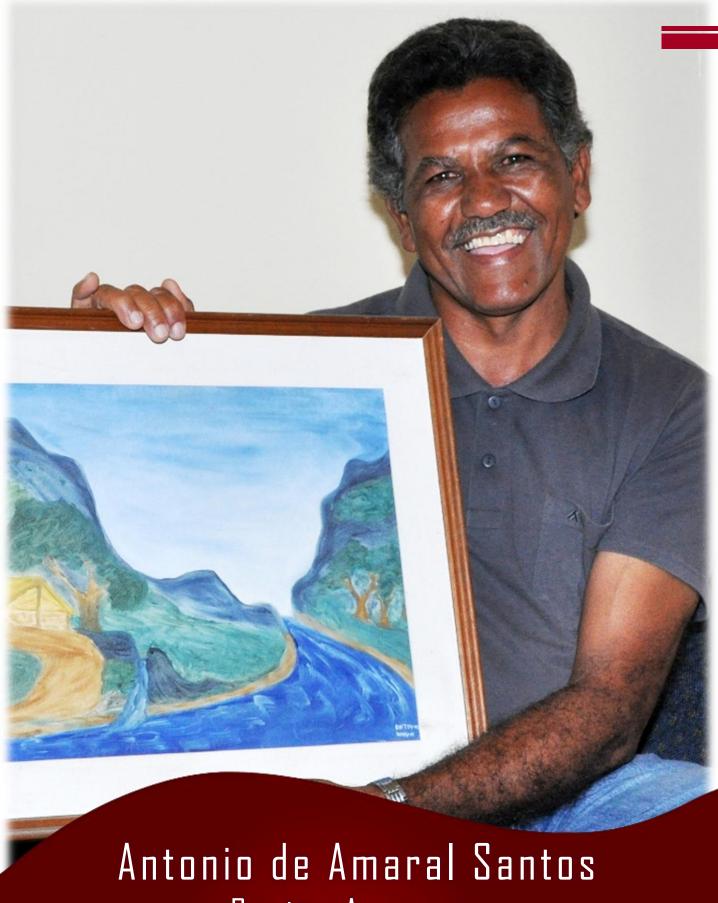
Sim, de fato consigo responder a sua pergunta... Há semelhanças enormes entre uma família como a minha e uma cidade como São Bernardo do Campo. Também ha diferenças. Agora mesmo penso numa diferença. Posso dizer? Acontece que quando cheguei aqui, disso ha muitos anos, a cidade ainda era muito rural. Era um lugar escuro, de caminhos de terra e barracos dispersos que subiam pela rua. Eu era jovem e forte. Queria ver a minha família feliz e sabia que deveria trabalhar infatigavelmente. Sobrava juventude e energia. A cidade me recebia, mas estava tudo ainda por fazer. Assim era eu e assim era São Bernardo. Hoje tudo mudou. Depois de mais de cinquenta anos, não acompanho mais o ritmo desta cidade. A cada dia ela está mais bonita, mais desenvolvida. São Bernardo está ficando maior. Cada vez com mais pessoas. Cada vez melhor. Ela me surpreende. Eu, pelo contrário, sinto que as minhas forças vão embora. Daquele garoto do passado só restou o coração. As forças e a beleza passaram. Tudo passa. Ficou talvez meu gosto pelos passarinhos, minhas caminhadas diárias. Ficou meu amor pela cidade. Ficou minha vontade de querer ficar aqui. Hoje sou eu quem observa a cidade trabalhar. A cidade não para. Parece que ficou mais jovem e disposta... daquele mesmo jeitinho como eu me sentia quando cheguei pela primeira vez aqui. Naquela época de juventude e também agora, parece que tudo é possível.



Joanice Alves de Oliveira Região Assunção Uma cidade imaginária... Isso era São Bernardo para mim.

Não recordo muita coisa do meu pai, Era um rosto num pequeno quadro na sala. Era uma carta breve e dinheiro todos os meses. Depois de tantos anos em *'São* ' Paulo' a esperança do reencontro era cada vez mais distante. As pessoas falavam coisas sobre ele. Não gostava de ouvir. Crianças precisam sonhar com liberdade. Eu sonhava tão fortemente que todos os dias papai chegava em casa. Em Vitoria da Conquista as crianças crescem rápido. É um tipo de apuro que poucos conhecem da Bahia. Há uma urgência por crescer. Talvez seja uma necessidade ou uma defesa que criamos por conta de uma infância tão breve. Depois da morte da minha mãe o mundo desmoronou. Sem opções, decidi viajar até São Bernardo. Na beira da estrada, sozinha, com 14 anos, pensava na cidade imaginária. Os caminhões passavam levantando poeira e eu pensava no me pai. Pensava que não havia caminho cumprido capaz de impedir os meus sonhos de menina. A felicidade morava longe. E eu ia de carona.

Hoje estou aqui. Trinta anos depois. Não encontrei o que vim buscar, mas encontrei novos motivos para ser feliz e acreditar. Sou mãe. Adotei uma criança carente. Ela entra no guarda-roupa e se esconde. Eu a procuro. Ela ri. Eu riu. Dessa vez ela pode sonhar com o futuro. Não temos muito dinheiro, mas temos esperança. Nossa pequena família feliz está aqui, na nossa querida cidade real.



Região Assunção

O meu avô contava que as casas dos índios não tinham portas viradas para o rio. Os índios sabiam do perigo que corriam e faziam as suas casas protegidas com as portas em direção à montanha. Assim evitavam ser vistos e hipnotizados pela sucuri. Essa história era contada e recontada tantas vezes que parecia estranho ouvi-la sempre com a mesma atenção, como se fosse a primeira vez. Afinal de contas, a terrível sucuri havia sido uma vez humana. Vítima de uma desgraça passou a infernizar a vida dos ainda vivos. Mas também passou a enriquecer o imaginário popular, povoando de criaturas fantásticas a minha infância no vale de Jequitinhonha. A nossa casinha na cidade de São Pedro também tinha uma porta nos fundos, mas distante do rio, ainda garoto, não entendia sua função. Realidade e fantasia se misturavam por entre as montanhas da região mais rural e pobre das Minas Gerais.

Quarenta e um anos depois, já em São Bernardo, depois de tantos anos no chão da fábrica, de tantas greves, de tanto lutar, de tanto enfrentar o preconceito e chorar calado. Hoje recordo a minha infância emocionado. Já pintei alguns quadros buscando preservar essas histórias. Quem sabe um dia possa desenhar uma porta de frente para o rio para que os índios, assim como eu, possam ser capazes de enfrentar a realidade e dominá-la. Na minha vida fui forçado a olhar nos olhos de muitas sucuris, mas foi aqui em São Bernardo onde aprendi a entrar e sair sempre pela porta da frente.



Região Assunção

Que pode deter o rio que corre para o mar ou as andorinhas que voam para o sol? Os versos de Domenico Modonho ressoavam na cabine do caminhão do meu pai. A musicalidade, aquela que cura as feridas da alma e eleva o espírito do ser humano transitou comigo pelas vias recém asfaltadas pelo DER. O meu pai, funcionário e motorista de caminhão cantarolava melodias de outros tempos, de outras latitudes. O idioma nunca foi uma barreira, mas um feliz encontro da multiculturalidade. Desde a distante Calábria até as novas vias que surgiam naquela São Bernardo do Campo do passado, a minha família viajou pelo universo sem fronteiras da música. Depois viriam Ary Barroso, Noel Rosa, Adoniran Barbosa, Pixinguinha e tantos outros. Uma riqueza que aprendi pelo estímulo e sensibilidade do meu pai e tenho compartilhado como legado com meus filhos. Parece que foi ontem que desde a janela da minha casinha de madeira no assentamento operário do DER, onde nasci, olhava para a via Anchieta como um símbolo de modernidade. Parece que foi ontem quando, aos treze anos, enviei acordes pelas ondas da recém criada radio Independência. Era a linguagem do acordeão e do piano falando mais alto. Era a linguagem universal da música nesta terra de grandes artistas. Nesta terra de tantos heróis desconhecidos. Vieram também Dominguinhos e Luiz Gonzaga. Veio o mestre Sivuca. Só que ele não foi totalmente embora. Dos anos simples do DER até os tempos atuais tive uma vida de desafios e conquistas: minha amada Alice, meus filhos queridos, os amigos de todas as horas, e ele. Sim, guardo comigo o acordeão do mestre Sivuca. O espírito dos ventos descansa aqui em São Bernardo.



Estava sentado no sofá da minha casa. Pertinho de mim, brincando, estavam meus filhos. Minha mulher sorria amorosa. Eu descansava depois de um dia de trabalho. Lia o jornal. Observava a rotina familiar. Havia conseguido conquistar meu equilíbrio. Trabalhava num bom lugar. Também estudava. Fazia faculdade. Minha filhinha me olhava com orgulho. Me chamava de pai. Era feliz. Na rua, do lado de fora, era escuro. Chovia. Não gosto de chuva. Dentro de casa estava em paz. Estava seco. Tudo era limpo. Parecia tudo tão perfeito... De repente acordava. Cheguei a ter esse sonho varias vezes. Quem disse que aqueles que estão em situação de rua não têm sonhos? Às cinco da manhã era forçado a me levantar. Os carros e algumas pessoas começavam a transitar. Os guardas passavam. Eu devia sair da calçada. Meu sonho, aquele recorrente, havia acabado. Começava a minha realidade. As minhas escolhas haviam me levado para um lugar de pesadelos. Estava sozinho e devia enfrentar mais um dia. Mais um dia dentre os mais de mil que passei na rua, lutando para não perder a fe. Por fora parecia que já havia morrido, mas internamente ainda sonhava. Pensava no futuro. Ainda era um ser humano. Estava vivo! Uma vez caminhei do Rudge Ramos até o Tatetos, no pósbalsa. Caminhei sem expectativa de nada. Só caminhei. Na volta, veio junto um pequeno cachorro. Ele ficou comigo porque dividi um pouco de comida com ele. Quanta fidelidade! A participação? Sim, ela existe. Eu sou testemunho que pessoas também fazem coisas boas. Pessoas também fazem milagres. Todo dia me lembro disso.



Duas pessoas nasceram naquele dia. A minha menina e eu. Ela nasceu magrinha, cega total, com lábio leporino, frágil, quase desenganada. Eu, desde esse dia, sou outra. A minha vida mudou completamente. Mas não mudou somente pela responsabilidade de cuidar daquela criaturinha que Deus colocou no meu ventre. Mudou porque desde aquele momento soube que não sabia nada da vida. Comecei a aprender e aprender. Todos os dias aprendo. Todos os dias observo a superação da minha filhinha e vejo que ainda preciso muito para me igualar à força e determinação que ela tem para superar os obstáculos do dia a dia. Preconceito? Ela abraça todo mundo. Beija todo mundo. Brinca. Quer ser chamada pelo nome: Lívia. Não gosta de ser tratada como um ser estranho. – Por que as pessoas pensam que não posso ser uma criança feliz? disse ela. A minha menina cumprimenta todo mundo sempre sorrindo. – Que saudade da sua voz tia! – Que saudades da sua voz tio! – Que voz bonita! – Que bonita que você é tia. Sua voz é linda!

Que vontade de ser feliz contagiante – penso eu, e aprendo. Quanto tenho aprendido com ela. Que dádiva divina Deus colocou no meu lar. Se engana quem pensa que ela não é perfeita. Quem é nesta vida? Suas perguntas me fazem refletir constantemente: – Como é o sol mãe? Como é uma nuvem? E as cores mãe, como são? Desde aquele dia na maternidade quando a enfermeira me disse que a minha filhinha não era uma "criança Kolynos" não paro de agradecer pela oportunidade de ter me transformado numa pessoa melhor. Num ser humano mais sensível e otimista. Como vejo o mundo hoje? Do jeito dela. Hoje vejo o mundo com os olhos da minha filha.



Uma menina bonita. Uma gordinha com carinha de fome. De olhar suave, mas atormentado pela precisão. Assim era ela quando chegou pedinte à minha porta, aqui no Assunção, há muito tempo atrás. Ela, uma criança com onze anos incompletos. Eu, uma professora jovem vinda do interior com um marido e dois filhos pequenos. Frente a frente: duas mulheres, duas migrantes. Não sei dizer se hoje faria o mesmo. Os tempos são outros, os medos são maiores. Tudo mudou. Aquela São Bernardo tinha pouca gente. Eram pessoas como eu, vinda de outros lugares, alguns muito distantes. Naquele dia, naquela cidade que também era nova para mim, ouvi a pequena garota repetir insistentemente, desde a rua: — Posso ajudar a senhora? — Posso ajudar a senhora em alguma coisa? — Por favor. Posso ajudar?

Quanta dor no coração de uma mãe ao ver uma criança sofrendo nas incertezas da rua. Exposta à violência. Exposta ao engano. Que mãe não sofre ao pensar que pode ser seu filho ou sua filha aquela que, como essa menina na minha porta, devia ganhar a vida diariamente de maneira tão difícil. Que vida terrível a nossa se não podemos ser capazes de olhar com carinho para rostinhos como esses acostumados desde tão cedo às lágrimas e às privações.

São Bernardo foi uma escola para mim e um lugar onde duas famílias, a minha e a daquela pequena garota, coincidiram para compartilhar uma história. Aquela garotinha cuidou dos meus filhos e mesmo tão menina assumia com responsabilidade suas tarefas e obrigações. Mas era uma menina, e com tal, também tinha sonhos. Quem sabe viajar. Quem sabe conhecer pessoas novas. Andar por entre castelos de príncipes e princesas. Quem sabe correr até cair. Rir até o limite das suas forças. Ou talvez simplesmente brincar sem o apuro de voltar a ser adulta naquele mesmo dia. Essa menina que entrou na minha casa ficou conosco alguns anos. Depois foi embora, mas nunca perdemos o contato. Eu, aposentada, não penso sair jamais desta cidade

mas nunca perdemos o contato. Eu, aposentada, não penso sair jamais desta cidade que me recebeu com tanto carinho e que, depois de tantos anos, ainda observo com curiosidade, emoção e amor. Ela, a pequena garotinha desta minha história, já é adulta. Cresceu trabalhando e com esforço construiu uma família. O tempo passou, mas deixou algumas coisas. Dos sonhos daquela criança gordinha que dançava com as vassouras e que fechava os olhos pensando em fadas e castelos, foi preservado o compromisso de fazer que sua filha tenha a vida que ela não pôde ter.

- Uma viagem para conhecer o pateta? É isso mesmo? – Perguntei. Sim, respondeu ela. É um presente para minha filha, e para aquele pedacinho de mim, que ainda vive, e que nunca acreditou em impossíveis.

Projeto Protagonistas da Participação em São Bernardo do Campo

Secretaria de Orçamento e Planejamento Participativo - SOPP Prefeitura de São Bernardo do Campo

contato:

victor.arroyo@saobernardo.sp.gov.br

ano: 2014

Os textos aqui apresentados são o resultado de uma compilação de frases e narrativas colhidas durante a fase de entrevistas e depoimentos do Projeto, efetuado entre os meses de fevereiro e março de 2014.

Em todos os casos existiu plena liberdade de articular e reconstruir a estrutura da história de maneira e poder comportar os limites da edição.

Embora sem o rigor de reproduzir textualmente a narrativa os textos são fieis na medida que expressam detalhes inéditos e o sentido atribuído pelo entrevistado.